

# AS PRÁTICAS RELIGIOSAS E DE SOCIABILIDADE NO ASSENTAMENTO TUPANCIRETÃ EM PRESIDENTE VENCESLAU – SÃO PAULO

*Fernando Henrique Ferreira de Oliveira*<sup>1</sup>

*Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante*<sup>2</sup>

*Luis Antonio Barone*<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho discute aspectos da cultura rural tradicional nos assentamentos de reforma agrária da região do Pontal do Paranapanema, São Paulo. Buscamos compreender o rural a partir de uma dimensão cultural, objetivando entender o modo de vida, as tradições e os conhecimentos compartilhados dentro de um assentamento. A pesquisa voltou-se para a materialização de festas religiosas e, para isso, buscaram-se os espaços e os sujeitos que organizam uma quermesse, vista como um fenômeno que une o sagrado e o profano e possibilita estreitar a sociabilidade entre as famílias assentadas. Em relação à metodologia realizamos entrevistas e um documentário fotográfico, descrevendo e analisando a festa. Portanto, o trabalho em tela entende a importância da cultura e dos saberes tradicionais no dimensionamento dos lugares do assentamento Tupanciretã - Presidente Venceslau, São Paulo.

**Palavras-chave:** Assentamentos Rurais; Reforma Agrária; Festas Religiosas ; Quermesse.

<sup>1</sup> Geógrafo, aluno do curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente da Universidade de Araraquara (UNIARA), Araraquara – São Paulo.

<sup>2</sup> Socióloga, professora coordenadora do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente da Universidade de Araraquara (UNIARA), Araraquara – São Paulo.

<sup>3</sup> Sociólogo, professor assistente doutor do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da FCT/UNESP, Presidente Prudente – São Paulo.

**Abstract:** This paper discusses aspects of the traditional rural culture in the agrarian reform settlements of the Pontal do Paranapanema region, São Paulo. We seek to understand the rural from a cultural dimension, aiming to understand the way of life, the traditions and the knowledge shared within a settlement. The research turned to the materialization of religious festivals and, for this, the spaces and the subjects that organize a kermesse, seen as a phenomenon that unites the sacred and the profane, and to narrow the sociability between the settled families, were sought. In relation to the methodology we conducted interviews and a photographic documentary, describing and analyzing the party. Therefore, the work on canvas understands the importance of the culture and the traditional knowledge in the dimensioning of the places of settlement Tupanciretã - Presidente Venceslau, São Paulo.

**Keywords:** Rural settlements; Land reform; religious parties; Kermesse.

## Introdução

A atual condição histórica, entendida como modernidade (D'ABADIA, ALMEIDA, 2010) ou pós-modernidade (HARVEY, 2004) privilegia uma pluralidade de informações balizadas pela valorização da tecnologia, do consumo e da racionalidade. Baseando-se na evolução das técnicas, Santos (1997) destaca que, ao longo da história da organização do território brasileiro, três grandes momentos poderiam ser identificados: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional. No *meio natural* há uma relação mais harmônica entre sociedade e natureza, o *meio técnico* em que o homem passa a ter maior domínio sobre a natureza e tecnifica o território a partir da instalação de equipamentos (ferrovias, rodovias entre outros) para integrar os espaços e se territorializar e o *meio técnico-científico-informacional* entendido como período atual, tendo como marco o processo de globalização que tornou o tempo e os espaços fluídos e dinâmicos. Portanto, a contemporaneidade preconiza o fenômeno da globalização como balizador das relações sociais, onde há o predomínio do instantâneo, da perda das fronteiras, gerando a ideia de que o mundo está cada vez menor com o avanço da tecnologia (CAVALCANTE, 2016).

Nesse sentido, acreditamos que na atualidade - norteadas pela

valorização da racionalidade, do consumo e da tecnologia - as tradições, os conhecimentos e os saberes populares, resistem em alguns cenários, como em comunidades rurais, ou se ressignificam com elementos contemporâneos da atual sociedade globalizada. Nesse sentido entendemos que a festa é um fenômeno social que possibilita entender essas transformações no interior da sociedade contemporânea. Portanto,

a modernidade e sua racionalidade elaboram uma perspectiva de ações que diminuem a importância das tradições; devido ao caráter de ruptura com o passado, estas ficaram renegadas a um segundo plano ou se colocaram num estado de dormência (D'ABADIA; ALMEIDA, 2010, p. 73).

No entanto, na contemporaneidade “as tradições são retomadas e conseqüentemente são ressignificadas” (D'ABADIA, ALMEIDA, 2010, p. 73). Ou seja, elas resistem na modernidade a partir da confluência de elementos tradicionais com elementos modernos.

No caso do Assentamento Tupanciretã, localizado no município de Presidente Venceslau, SP, na região do Pontal do Paranapanema, vimos que a sociabilidade ligada ao universo rural tradicional acontece por meio da realização da quermesse, uma festa de cunho religioso, que marca o momento de união das famílias assentadas em prol de objetivos e causas comuns. No caso estudado, a festa ocorreu tendo como objetivo arrecadar fundos para a construção de um novo barracão de uso coletivo entre as famílias. Segundo algumas famílias assentadas, a festa é um fenômeno tradicional dentro do assentamento, tendo em vista que ela ocorre todos os anos - no mês de outubro - com a finalidade de arrecadar fundos para a manutenção da Capela ou para melhorias no âmbito do assentamento. Em campo, pudemos observar que a quermesse recebe tanto os moradores do assentamento e de algumas cidades da região. No interior da festa, constatamos a celebração entre as famílias, além das prendas, música caipira e sertaneja. Observamos que as comidas mais tradicionais, como os bolos, o churrasco no espeto e a mandioca cozida – prato principal da festa – se misturam com alguns

<sup>3</sup> Na Europa em fase de industrialização, e o movimento Sillon foi uma das frentes de ação (motivada por uma encíclica papal na década de 30), uma forma de se antecipar ao comunismo e proteger os trabalhadores quanto a fase nefasta do capitalismo. Ao mesmo tempo revolucionária e conservadora. Tinha como princípio a defesa da democracia como condição para o progresso social; o movimento foi inspirador do sindicalismo agrícola francês, estimulando a solidariedade e a ação comunitária como princípios fundamentais da organização dos agricultores.

alimentos processados – refrigerante cerveja e sorvete – difundidos pela cultura contemporânea, o que indica um processo de ressignificação da quermesse, na medida em que o tradicional se conflui com o moderno.

De modo geral, buscou-se compreender os aspectos da cultura rural tradicional no contexto dos assentamentos de reforma agrária da região do Pontal do Paranapanema, extremo oeste do Estado de São Paulo.

Para compreender a organização e dinâmica da quermesse realizamos uma pesquisa de campo no assentamento rural Tupanciretã com a finalidade de conhecer as práticas tradicionais produzidas nesse espaço e entender a organização do modo de vida das famílias assentadas, mesmo reconhecendo que essas práticas estavam correndo o risco de desaparecer, pois seus portadores estavam morrendo. Para obter informações sobre esse fenômeno realizamos uma entrevista com o “*Seu Nego*” (assentado e organizador da quermesse), além de registramos a festa por meio de fotografias.

## O território do Pontal do Paranapanema

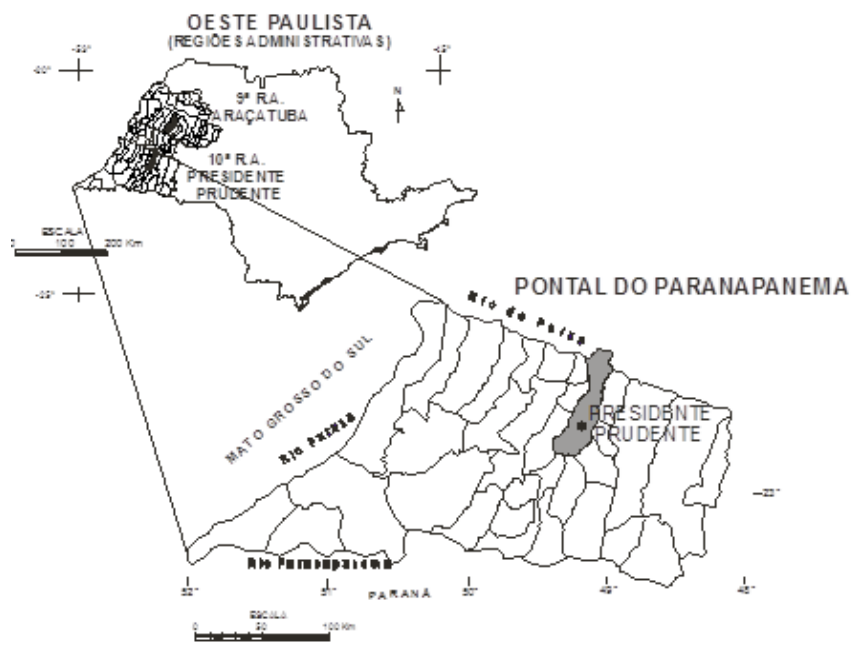
De acordo com o banco de dados Rede DATALUTA (2010), a região do Pontal do Paranapanema abriga 110 projetos de assentamento, tendo aproximadamente 6,2 mil famílias assentadas. Do ponto de vista territorial, o Pontal do Paranapanema é constituído por 32 municípios.

De modo geral, a região destaca-se pela sua vasta extensão territorial e heterogeneidade de assentamentos, abrangendo uma área de 18.441,60 Km<sup>2</sup> comporta 32 municípios, com população total de 853.766 habitantes, dos quais 59.911 vivem em áreas rurais, correspondendo a 10,26% do total. Além de que, possui 12.349 agricultores e 5.853 famílias assentadas.

Com o processo de ocupação datado do final do século XIX, o Pontal do Paranapanema revela, em seu histórico fundiário, um dos mais conhecidos casos de grilagem de terras do país (LEITE, 1999). Ao longo do século XX, posseiros e grileiros disputaram, quase sempre à bala, o território do Pontal. Apesar da flagrante irregularidade que cercou a ocupação do Pontal, seu desenvolvimento econômico seguiu mais ou menos a trajetória de outras regiões do Estado, sobretudo na primeira metade do século passado. Foi, porém, a região na qual houve um recuo mais antigo e acentuado da cafeicultura (MONBEIG, 1984).

Embora não estejam mais presentes na região, os grupos indígenas contribuíram para a história de ocupação do Pontal do Paranapanema,

Figura 1: Localização da região do Pontal do Paranapanema no Estado de São Paulo.



Fonte: THOMAZ JR (2002)

ocupando áreas de matas galeria, ao longo dos grandes rios, antes da chegada e do contato das frentes colonizadoras. De acordo com Faccio (2012), até a o início do século XIX, o Pontal do Paranapanema era uma região desconhecida por membros da sociedade nacional, sendo ocupada por grupos indígenas filiados as tribos Xavante, Caiuá e Caingang, que até então tinham domínio sobre os seus territórios. A princípio, as expedições dos Bandeirantes foram as primeiras frentes de contato cultural na região, com o objetivo de aprisionar e escravizar os indígenas, para terem controle sobre o território e os recursos naturais (FACCIO, 2012).

De acordo com o livro “*A ocupação do Pontal do Paranapanema*”, a grilagem de terras teve o seu início no ano de 1856, quando Antônio José Gouvêa teria chegado à franja pioneira oeste e assentado, junto aos registros paroquiais, uma imensa gleba de terras, denominada de Fazenda Pirapó-Santo Anastácio (LEITE, 1984). Como resultado desse processo, o Pontal do Paranapanema inseriu-se no cenário fundiário brasileiro pelos problemas

decorrentes da grilagem e irregularidade nos títulos de posse da terra.

A ocupação territorial intensificou-se no decorrer dos anos 1920, a partir do impulso da cafeicultura e da necessidade de incorporação de novas áreas (terras urbanas e rurais), além do mercado fundiário regional em expansão. Nos anos 1940 numa tentativa de retomar o controle sobre as terras, o Governo do Estado de São Paulo cria a Grande Reserva do Pontal, entendida como um espaço de preservação dos recursos naturais da região. Entretanto, a grilagem de terras continuou se expandindo pela região, em que a vasta área natural do Pontal acabou sendo ocupada, restando o Parque Estadual do Morro do Diabo (localizado no Município de Teodoro Sampaio, SP) como a única área preservada de Mata Atlântica do extremo oeste paulista.

Do ponto de vista econômico, o Pontal do Paranapanema desenvolveu-se sob o domínio de diversas culturas, primeiro pela cafeicultura, depois pelo algodão. Nos anos 1970 predominou a exploração da pecuária extensiva de corte e, recentemente com a introdução da cultura canavieira (FERRANTE *et.al.*, 2012).

As décadas de 1980/1990 se caracterizam pela materialização de políticas de reforma agrária a partir da criação e implantação dos projetos de assentamentos rurais no extremo oeste do Estado de São Paulo. Esse processo é uma resposta do governo do Estado frente as mobilizações dos movimentos sociais de luta pela terra que se difundiram pela região durante o período. Nesse contexto,

centenas de ocupações, milhares de trabalhadores mobilizados e acampados, dezenas de ações judiciais discriminatórias promovidas pelo Estado no sentido de identificar e arrecadar as terras devolutas irregularmente ocupadas;/ esse é o contexto sociopolítico do Pontal do Paranapanema, hoje a região do Estado de São Paulo com o maior número de assentamentos e famílias assentadas da reforma agrária (FERRANTE *et.al.*, 2012, p. 50).

A partir dos anos 1990 destaca-se a participação e a importância do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) na luta pela terra e reforma agrária na região. Segundo Fernandes (1996) a reconhecida irregularidade fundiária e o contexto geral da concentração das terras alavancou a territorialização do MST na região do Pontal do Paranapanema.

De acordo com Ferrante *et.al.* (2012) os sujeitos que participaram na luta pela terra são de diversas origens. Os primeiros foram os trabalhadores-rurais arrendatários dos anos 1950-60 que se dedicavam a cultura algodoeira. Estes

opunham-se aos fazendeiros que supostamente tinham a posse da terra. Com a implantação da pecuária de corte nos anos 1960, os arrendatários perdem suas terras para a criação do gado.

Nas décadas de 1970 e 1980, com o declínio e fim do ciclo algodoeiro, decorrente das transformações na divisão territorial do trabalho em escalas nacional e internacional, houve um grande contingente de boias-frias desempregados, que futuramente se articularia, mobilizando-se na luta pela terra.

O terceiro contingente de sem-terras é formado pelos ex-barrageiros, tendo em vista que,

nos anos 1980, tanto a conclusão de novas Hidrelétricas no rio Paranapanema quanto a drástica diminuição no ritmo das obras das barragens da Usina Hidrelétrica “Sérgio Mota”, em Rosana, gerou um grande contingente de desempregados junto aos operários não-qualificados que, a partir dos anos 1960, se deslocaram para a região em busca de trabalho nos campos de obras nas margens dos rios Paraná e Paranapanema” (FERRANTE, *et.al.*, 2012, p.54).

Todavia, a mobilização mais marcante desses sujeitos, promoveu a conquista e a instalação do Assentamento Gleba XV de Novembro, nos anos 1980, maior área de assentamento na região, situada entre os municípios de Rosana e Euclides da Cunha Paulista.

A promoção de assentamentos rurais no Pontal do Paranapanema ocorre durante a primeira gestão do governador Mário Covas (1995-1998), no qual, a partir de negociações e arrecadações de áreas, os trabalhadores rurais são assentados no extremo oeste do Estado de São Paulo.

O Assentamento Tupanciretã em Presidente Venceslau – São Paulo

Situado na região extremo oeste do Estado de São Paulo também conhecida como Pontal do Paranapanema, Presidente Venceslau é um dos municípios que possuem experiências de assentamentos rurais em sua área territorial de 755, 203 Km<sup>2</sup> e conta com uma população de 37.910 habitantes (IBGE, 2010).

**Quadro 1:** Assentamentos rurais no Município de Presidente Venceslau – São Paulo

Projeto de assentamento	Início	Administração	Nº de lotes	Área total (ha)
Primavera 1	04/1996	ITESP	82	2.027,90
Primavera 2	06/1996	ITESP	43	1.081,93
Tupanciretã	06/1996	ITESP	78	2.861,62
Radar	06/1996	ITESP	29	548,24
Santa Maria	04/1996	ITESP	17	263,90
São Camilo	-	ITESP	32	-

**Fonte:** Fundação do Instituto de Terras do Estado de São Paulo “José Gomes da Silva” – ITESP (2016).

Segundo o ITESP (2016), existem na região do Pontal do Paranapanema 113 Projetos de Assentamentos, reunindo mais de 6 mil famílias, que participaram do processo de luta pela terra que se generalizou pela região a partir do início dos anos 1990.

A constituição do Assentamento Tupanciretã é resultado da pressão e da luta dos trabalhadores rurais e das ações dos movimentos sociais do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e do ABUQT (Associação Brasileiros dos Unidos Querendo Terra) (MACIEL, 2009).

A formação do Assentamento Tupanciretã, “às vezes se confunde com a história da Associação Brasileiros dos Unidos Querendo Terras, por se tratar das primeiras ocupações do movimento” (MACIEL, 2009, p.81). De acordo com a autora, os primeiros sinais de reforma agrária apareceram quando um grupo de pessoas ligadas ao movimento foram convidadas a participar de uma reunião promovida no Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Presidente Venceslau, pois havia terras a serem distribuídas pelo Estado. Sobre as pessoas, a autora escreve que,

o grupo que estava com a Brasileiros Unidos não tinha nenhum vínculo como associado, o que não era muito diferente do que acontecia com o MST que também não tinha um envolvimento efetivo de seus membros naquele local. A falta de envolvimento é demonstrada pela falta de informações, pois os assentados não conseguem fornecer detalhes a respeito do processo de desapropriação iniciado antes mesmo de ocuparem as terras, muito menos da formação do movimento (MACIEL, 2009, p.81).



Portanto, a integração das pessoas ao movimento se deu a partir dessa reunião, em que se discutiu a distribuição de terras, na medida em que várias fazendas estavam em processo de desapropriação. Descrevendo a primeira ocupação sob o ponto de vista de uma assentada

O MST entrou na fazenda [Fazenda Primavera], quando era a fazenda antigamente, mas teve também outro movimento que se chamava Brasileiros Unidos que também entrou, então tem dois movimentos social aqui dentro, aí teve essa repartição da Primavera 1, que é mais MST, e da Primavera 2, que é mais Brasileiros Unidos, eu por mim no meu modo de pensar eu gostaria que não houvesse essa repartição que cria meio que um atrito (DORA – liderança feminina do assentamento Primavera - *apud* MACIEL, 2009, p.81).

No ano de 1997, os assentados foram encaminhados pelo ITESP para o lote provisório. Passado o período de experiência, foi concedido às famílias um lote permanente de 20 hectares no assentamento em tela (MACIEL, 2009). De acordo com a autora o grupo que estava com o movimento Brasileiros Unidos, ficou com as terras do Tupanciretã e parte do Primavera I. O grupo que ocupou as terras com o MST, ficou em terras do Primavera II.

O assentamento Tupanciretã está sob a responsabilidade do ITESP (Instituto de Terras do Estado de São Paulo) e não possui agrovilas. O espaço institucional está localizado nas sedes das antigas fazendas. O Tupanciretã é o segundo maior assentamento de Presidente Venceslau, SP e atualmente conta com 72 famílias assentadas.

## Festas populares

As festas surgem como uma das manifestações sociais dos grupos humanos cujo acontecimento é datado de um passado remoto, quando o *homo faber*, deixa o estágio de caçador-coletor para tornar-se agricultor (ARAÚJO, 1977).

há na aurora das festas aquela preocupação mágica de agradecer a natureza ou suplicar para que ela, entidades supraterrâneas ou divindades, não permitam as pragas, danos ou malefícios nas plantações, praticando, portanto, ritos protetivos e produtivos (ARAÚJO, 1977, p. 11).

Nesse contexto, as festas estão atreladas à produção, aos meios de trabalho,

de exploração e de distribuição, sendo produto das forças produtivas da sociedade e vista como uma força de coesão social, de sociabilidade e de solidariedade entre as comunidades (ARAÚJO, 1977).

D’Abadia e Almeida (2010) realizam uma reflexão a respeito da inserção e do conteúdo das festas religiosas católicas que se apresentam na pós-modernidade. As autoras entendem a pós-modernidade como “uma condição histórica da sociedade contemporânea” (D’ABADIA; ALMEIDA, 2010, p. 58).

As festas religiosas são manifestações de cunho religioso cultural que se apresentam em diferentes continentes e momentos históricos da humanidade. Elas expressam a construção simbólica e cultural de determinados grupos de pessoas seguidoras da crença religiosa no interior da qual se concebe a festa (D’ABADIA; ALMEIDA, 2010, p. 58).

No caso brasileiro, as festas religiosas definem-se como uma herança cultural portuguesa deixada pela Igreja Católica no território e na sociedade. Pois, “essa herança religiosa, voltada para o catolicismo, foi solidificada no processo de ocupação e dominação das terras brasileiras (D’ABADIA; ALMEIDA, 2010, p. 58). Nesse sentido as autoras escrevem que,

a palavra festa vem do latim e significa: reunião alegre para fim de divertimento; o conjunto das cerimônias com que se celebra qualquer acontecimento; solenidade, comemoração; dia santificado, de descanso, de regozijo; comemoração litúrgica, solenidade da Igreja; romaria; regozijo, alegria, júbilo. Também se relaciona a trabalhadeira, cuidados, barulho (D’ABADIA; ALMEIDA, 2010, p. 58). De acordo com D’Abadia e Almeida (2010) o surgimento das festas populares está relacionado às múltiplas trajetórias e situações de vida do homem. Essas festas surgiram como uma forma de homenagem aos deuses e à natureza pelas preces atendidas.

As festas populares, em geral, se definem como espaços de reprodução e transferência de saberes tradicionais, que são resgatados a partir dos fazeres cotidianos, da sociabilidade, da memória social e da religiosidade. Jurcevitz (2005) escreve que as festas populares são entendidas como um fenômeno cultural que revela crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva.

Portanto, as festas e as religiões se unem para fortalecer o espírito cansado pelas angústias do cotidiano. Nas festas, os indivíduos estão mais livres em

suas imaginações e possuem uma vida menos tensa. A festa teria a função de restabelecer a energia para a continuidade da sociedade, um ritual cíclico de pausa no cotidiano para a vivência de outro tempo, o tempo festivo (D'Abadia e Almeida, 2010). Segundo as autoras (2010, p.58):

as festas religiosas são manifestações de cunho religioso cultural que se apresentam em diferentes continentes e momentos históricos da humanidade. Elas expressam a construção simbólica e cultural de determinados grupos de pessoas seguidoras da crença religiosa no interior da qual se concebe a festa.

As festas religiosas se destacam no que diz respeito ao ato da celebração da vida, pelo rompimento das atividades do cotidiano, o que permite ao homem experimentar emoções. Sendo assim, as festas demonstram respeito à fé e à fraternidade comunal, alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural do grupo (JURCEVITZ, 2005).

No Brasil, as festas religiosas estão atreladas à colonização portuguesa e aos demais grupos étnicos que aqui habitavam. Na maioria das vezes são vistas como uma herança da influência do catolicismo popular (Queiroz, 1973). Nesse sentido, entende-se que o processo de colonização, marcado pela apropriação e dominação dos nativos e da natureza, contribuiu para difusão e permanência dos elementos do catolicismo na sociedade brasileira.

Ao longo do desenvolvimento cultural humano, as festas passaram a se associar a outros elementos ligados à igreja e às forças sobrenaturais, como uma maneira de agradecimento ao sucesso na agricultura. Para Araújo (1977):

As festas tiveram uma origem comum: uma forma de culto externo tributado a uma divindade, realizado em determinados tempos e locais desde a arqueocivilização. Recebeu, porém, roupagens novas após o evento do cristianismo. A Igreja Católica Romana determinou certos dias para que fossem dedicados ao culto divino, considerando-os *dias de festa*, formando o seu conjunto o *ano eclesialístico* (ARAÚJO, 1977, p.12).

Segundo o autor, estas festas dividem-se em dois grupos: as festas do Senhor e os dias dos santos.

As festas do Senhor rememoram anualmente a paixão e morte de Cristo e, em torno dos demais episódios da sua vida, gravitam as outras

comemorações. O Pentecostes é uma festa do Senhor. Algumas das festas são móveis, outras fixas: a da Páscoa é do primeiro grupo, já o Natal e Epifania são fixos (ARAÚJO, 1977, p.12).

Entretanto, “as festas dos santos em geral são fixas; elas se referem a personagens bíblicos, apóstolos, sumos pontífices, virgens, mártires, anjos e à Virgem Maria. Nestas, estão inscritas as dos padroeiros que as cidades brasileiras possuem” (ARAÚJO, 1977, p.12).

O homem rural brasileiro utiliza três termos distintos para definir as festas. Usa-se *festaria* para definir o conjunto de festas das quais são religiosas, procissões, ora são danças, ora leilões e quermesses. Emprega-se o vocábulo *festança* para designar a festa profana, em que há muita bebedeira e gritaria, como as realizadas pelos gaúchos após as carreiras de cavalo (Araújo, 1977). *A festa*,

é a atividade de cunho religioso, como, por exemplo: Festa de Nossa Senhora do Rosário, Festa de Nossa Senhora da Penha, Festa de São Sebastião, padroeiros de várias cidades tradicionais do Brasil. Emprega também para aquelas de sentido religioso-profano tais como: Festa do Mastro, Festa das Canoas, Festa dos Congos. Em vários municípios do Estado do Espírito Santo, a festa dedicada ao padroeiro da cidade de uma região, é chamada Festa do Mastro, cerimônias profano-religiosas ligadas ao símbolo dendrolátrico. Festa das Canoas, denominação capixaba para Festa do Divino. Festa dos Congos, denominação regional interiorana da Bahia, das congadas. No Nordeste, a atividade profana importante, como a vaquejada, chamam-na de Festa da Apartação (ARAÚJO, 1977, p. 14).

Todavia, ambos os vocábulos para designar festa estão atrelados de alguma forma à influência da Igreja Católica, na medida em que essa instituição está presente na cultura do homem rural brasileiro, seja influenciando modos de ser ou seja promovendo espaços de sociabilidade. Constata-se também a presença de elementos das culturas do gado do sertão e afro-brasileira na constituição das festas.

Ao estudarem a questão dos bairros rurais e dos elementos da cultura caipira paulista do século XX, Queiroz (1973); Melo e Souza (1987) puderam perceber que com os processos de urbanização e industrialização, houve uma diminuição das festas tradicionais e dos espaços de sociabilidade nas comunidades caipiras. Isso se deve à incorporação dos agrupamentos rurais à esfera de influência do modo de produção capitalista, no qual há uma

redefinição dos modos de vida tradicionais com a incorporação de padrões modernos. Nesse sentido Melo e Souza (1987) escreve que:

vemos, portanto que há na tradição cultural do caipira certas técnicas, hábitos, usos, normas, valores, que, por formarem um complexo de padrões que podem ser considerados mínimos sociais e vitais, tendem a ser superados à medida que vão se abrindo formas mais satisfatórias de ajustamento social e ecológico (CÂNDIDO, 1987, p. 222).

No atual cenário da pós-modernidade (D'Abadia e Almeida, 2010), regido pela alta industrialização, urbanização e desenvolvimento tecnológico, as crenças e práticas tradicionais vêm se resignificando ao aglomerado de informações. Nesse contexto, alguns elementos inerentes à cultura caipira e rural tradicional são redimensionados, pois

o aumento de dependência econômica condiciona um novo ritmo de trabalho; ambos condicionam uma reorganização ecológica, que transforma as relações com o meio e abre caminho para novos ajustes; este fato provoca alteração no equipamento material e no sistema de crenças e valores, antes condicionados pelo condicionamento do meio físico imediato e pelo apego às normas tradicionais (MELO E SOUZA, 1987, p. 199).

As festas juninas, ciclos de Santos Reis e as quermesses são as mais conhecidas quando se fala da sociabilidade rural. Estas festas têm forte ligação com a Igreja Católica, pois segundo Melo e Souza (1987), a vida lúdico-religiosa dos camponeses é definida por atividades que extrapolam o âmbito familiar, sendo um dos elementos de sociabilidade dessa cultura.

Queiroz (1973), Melo e Souza (1987), Souza e Ortega (2010), Aubrée (2011), Oliveira e Calvente (2012) mostram que a religião desempenhou um papel importante no que diz respeito à sociabilidade nas culturas assentadas no espaço rural brasileiro.

## **A quermesse como manifestação festiva e religiosa dos grupos rurais brasileiros**

A quermesse se configura como um tipo de festa popular tradicional de cunho religioso. É uma manifestação importante dentro do catolicismo e

ocorre com a permissão e o incentivo da Igreja Católica e da comunidade local. Geralmente são realizadas com objetivo de arrecadar fundos para obras sociais da igreja, como o lar de crianças, asilos, abrigos e pessoas carentes. A quermesse ocorre após a realização de rituais religiosos e está vinculada ao espaço sagrado.

As quermesses definem-se como um dos espaços de sociabilidade da cultura rural tradicional. São marcadas pelas festas ligadas ao catolicismo. Sendo assim, “a quermesse apresenta-se como um lócus ideal de troca e serviço, em que o domínio afetivo, de resgate das coisas boas e fruição do melhor da vida transforma o espaço num paraíso” (PIRES, CALCIOLARI JÚNIOR, 2006, p.14).

A festa é encarada como um momento de felicidade e de reunião da cultura caipira. As comunidades camponesas possuem uma profunda relação com a Igreja Católica, vale ressaltar que a quermesse, como espaço de sociabilidade dessa cultura, está atrelada a esta religiosidade.

Mergulhada nesse contexto de fé, crença e sacralidade, a comunidade sempre procurou se manter envolvida com a realização de festas ligadas ao catolicismo, principalmente as quermesses (PIRES; CALCIOLARI JÚNIOR, 2006, p.24).

Conforme visto em “*As Doutoradas da Quermesse*”, escrito por Antonio Pires e Anísio Calciolari Júnior em 2006, as quermesses são manifestações culturais atreladas à igreja e ao universo camponês, visando angariar recursos para construção de um templo e promoção de ações beneficentes para a comunidade local.

Ainda segundo os autores, as populações camponesas sempre construíram sua vida cotidiana em função da igreja católica. Nesse sentido, a quermesse é vista como uma manifestação cultural onde o sagrado e o profano se misturam. Do ponto de vista etimológico, a quermesse é um termo de origem germânica, em que “*Kirk- mis*”, significa festa de dedicação à igreja. Nesse sentido, “quermesse, de *kerke, church*, igreja + messe, misse, missa, festival da igreja, cunhado em 1577, era um festival religioso dos países baixos, que se derivou o sentido de festa religiosa para fins caritativos” (PIRES; CALCIOLARI JÚNIOR, 2006, p. 14).

Para os autores, “a quermesse constitui-se em teatro das doações e das trocas, do cultivo da utopia como representação do que queremos que exista e para cujo alcance trabalhamos, da crença em dias melhores e da busca e vivência da emoção” (PIRES; CALCIOLARI JÚNIOR, 2006, p.14).

As quermesses constituem-se como espaços de sociabilidade mantidos por manifestações simbólicas bem significativas. De modo geral, as quermesses podem ser entendidas pela via da sociabilidade, em que ocorre o fenômeno de encontro das populações rurais. Para Queiroz (1973), a religiosidade é a grande liga das culturas camponesas, é o que garante a sociabilidade dessas populações no espaço rural.

A sociabilidade tradicional no espaço rural une as pessoas por meio das festas de cunho religioso. As quermesses aproximam as pessoas da comunidade em prol de um objetivo comum. Ao estudar elementos inerentes à cultura caipira do município de Barretos, SP, Perinelli Neto *et.al.* (2012) escrevem que as quermesses mantinham o costume e a tradição de “celebrar os santos e as datas religiosas, por meio de festejos regados com músicas, comidas e bebidas” (PERINELLI NETO *et.al.*, 2012, p 35). Geralmente eram realizadas na praça matriz, para demonstrar a influência da igreja católica na comunidade local. Sobre a execução das quermesses, os autores escrevem que:

Incorporando novos signos e práticas (apresentação de bandas musicais, provas de ciclismo, etc), as quermesses mantinham a velha tradição de encenação da ordem social que sempre couberam às festividades religiosas, já que os papéis exercidos nesses eventos são diferentes em grau de importância: identificam-se, por exemplo, o sacerdote, o festeiro, o músico, aquele que carrega a imagem santificada, entre outros (PERINELLI NETO, *et.al.*, 2012, p 35).

Para sua realização, é necessário o envolvimento e comprometimento de parte da comunidade local, por meio do trabalho coletivo, em equipes, que se revezam na festa ao longo da noite. A quermesse ocorre próxima às novenas, em comemoração ao santo da paróquia ou no aniversário da igreja.

Durante a realização da quermesse, ocorrem sorteios, jogos com prêmios, venda de alimentos ligados ao modo vida caipira, como quitutes típicos, milho verde cozido, pamonha vinho quente, quentão, bolinho caipira, espetinho, bolos entre outros.

Em geral, a população rural é quem ofertava os prêmios e prendas a serem utilizadas na quermesse. Sendo assim, havia um ritual de preparação das prendas a serem utilizadas na festa, como o preparo dos frangos, das leitões que eram mortos e temperados de um dia para o outro, e depois

assados no forno a lenha.

Na região Sudeste, a quermesse é uma tradição que representa a Festa Junina, tendo Santo Antonio, como santo padroeiro. Como Santo Antônio é considerado o santo casamenteiro, é comum a realização de simpatias para mulheres solteiras que querem se casar.

As festas juninas e as quermesses representam uma das maiores manifestações da cultura popular brasileira, tendo em vista que abarcam conhecimentos tradicionais do universo rural ligado ao cultivo e colheita do alimento, além de rituais sobre a fertilidade do solo. As relações de compadrio, estilo de sociabilidade, estão presentes na sociedade brasileira desde a colonização, sendo relacionada com os tipos de festejos tradicionais presentes em nossa cultura.

Assim como a folia de reis e as festas juninas, as quermesses são vistas como uma das manifestações culturais ligadas ao universo caipira. Sobre a reinvenção de festas no cenário atual, temos que:

Na contemporaneidade, seguindo esse referencial, novas festas são inventadas ou re(inventadas) com elementos novos, os quais são incorporados a esse —ato religioso antigo e expressos na sociedade atual. Essa reinvenção da festa caracteriza um importante elemento da pós-modernidade, porque incorpora um aspecto essencial da experiência religiosa – o retorno ao sagrado (D’ABADIA, ALMEIDA, 2010, p.64).

O cenário atual, denominado como pós-modernidade, marcado pela globalização e alto desenvolvimento tecnológico contribui para o esquecimento dos conhecimentos tradicionais por parte da população brasileira. Isso é perceptível na medida em que, as festas, os saberes e a cultura popular estão caindo em desuso. Geralmente não há um incentivo em preservar esses saberes, são poucas as pessoas e os grupos que têm interesse em manter viva a tradição. Nesse sentido, D’Abadia e Almeida (2010) escrevem que,

as novas formas de tecnologia e informação; a substituição do conhecimento narrativo pela pluralidade dos jogos de linguagem; a fuga de capitais; a flexibilização do trabalho; as corporações internacionais são algumas das mudanças ocorridas na sociedade moderna (D’ABADIA, Almeida, 2010, p.64).

A modernidade e sua racionalidade contribuem para o desenvolvimento



de ações que diminuem a importância dos conhecimentos e das práticas tradicionais. Há uma desvalorização das tradições e do passado, que é visto como atraso, caindo no esquecimento. Há uma descaracterização das práticas tradicionais, na medida em que o folclore, as lendas, cantigas e outros saberes estão sendo engolidos pelo aglomerado de informações decorrente do atual cenário. Nesse contexto, é preciso considerar o avanço das religiões evangélicas sobre o meio rural.

## **Análise da quermesse do Assentamento Tupanciretã**

Conforme visto na bibliografia estudada, as quermesses são festas tradicionais presentes no universo caipira e rural tradicional Melo e Souza (1975); (Queiroz, 1973), em que o sagrado e o profano se confluem em prol da coletividade (Araújo, 1977). São momentos de união, confraternização e encontro de amigos na comunidade, sendo vistos como um dos principais espaços de sociabilidade da cultura rural tradicional, pois propiciam os mutirões, as rezas e as festas.

Nesse sentido, buscamos compreender as manifestações da cultura rural tradicional no cotidiano das famílias assentadas de Presidente Venceslau, SP. No Assentamento Tupanciretã, a quermesse, uma das principais manifestações da cultura rural tradicional, é organizada em função da capela e da comunidade local e ocorre todos os anos durante o mês de outubro. A quermesse é organizada pelo Senhor Nego um dos líderes do assentamento. Ela ocorre numa área coletiva, dentro de um “barracão de eventos”, próximo à capela (Fotos 1 e 2). O Senhor Nego nos informou que foram quermesses que possibilitaram a construção e acabamento da capela, bem como do barracão. A quermesse de 2014, na qual fizemos nossa pesquisa, estava sendo feita para levantar fundos para a conclusão do barracão de festas.

Os próprios assentados organizam e trabalham durante a festa. Durante a quermesse acontecem os bingos, as brincadeiras, os jogos e as prendas. Ao longo da festa são servidas bebidas (refrigerante, cerveja e água), doces, bolos, sorvete e, como prato principal, o churrasco no espeto, acompanhado de mandioca cozida e molho. A não ser as bebidas e o sorvete, tudo mais é recolhido (prezadas) no próprio assentamento e processado pelos assentados. Além de bebidas e comidas, a quermesse conta com a presença de um locutor que promove o bingo, os jogos e brincadeiras, além de uma banda que entretém o público no decorrer da festa (Fotos 5 e 6).

Para os assentados do Tupanciretã, a quermesse é entendida como um espaço de encontro e confraternização da comunidade, um momento de fé, marcado pela confluência entre o sagrado e o profano, em que as pessoas degustam comidas e bebidas tradicionais, contando com a participação de músicos regionais e promoção de um baile (mais ao final da tarde). Além dos moradores dos assentamentos vizinhos (do próprio município de Presidente Venceslau e Caiuá), os assentados fizeram questão de nos mostrar quantos “moradores da cidade” estavam na festa de outubro/2014. Até mesmo nossa presença foi alegada como “visita de gente de Presidente Prudente” (Foto 7).

A quermesse apresenta-se como um forte elemento constitutivo do modo de vida dos assentados, “assim como é também uma de suas mais importantes linguagens” (PIRES; CALCIOLARI JÚNIOR, 2006, p.31).

A realização da quermesse no assentamento representa o momento de fé e de agradecimento, como também um espaço de encontro e confraternização entre a comunidade. Pois conforme visto em Pires e Calciolari Júnior (2006) “a festa representava para as pessoas o espaço onde se sentiam integradas à comunidade, o momento onde se doavam para o bem comum” (PIRES; CALCIOLARI JÚNIOR, 2006, p.53).

No caso do Tupanciretã, a quermesse é um fenômeno que une a comunidade em prol de um objetivo coletivo, em arrecadar fundos para a capela do assentamento. Em conversa informal com o festeiro (Senhor Nego) ele informou que o arrecadado em dinheiro seria para completar a construção do próprio barracão de festas, já que parte dele ainda é de lona (Foto 8) e a capela já está finalizada. Nesse sentido, acreditamos que há uma ressignificação dos aspectos da cultura rural tradicional, na medida em que se misturam práticas referentes à modernidade, como uso de tecnologias, incorporação de novos alimentos e bebidas na realização de festas.

Ao acompanharem a construção e a realização de uma quermesse no município de Rinópolis, interior do estado de São Paulo, Pires e Calciolari Júnior (2010) compreenderam a festa como um fenômeno social utilizado para arrecadação de fundos para a Igreja Católica e comunidade.

Desse modo é a partir da quermesse que a comunidade se reúne, se encontra, se mobiliza, se faz presentes, ganham vida, se desencontram e reencontram (PIRES; CALCIOLARI JÚNIOR, 2006). No caso da festa estudada pelos autores o prato principal da festa é o breguedé, um tipo de bolinho de mandioca típico na região. Segundo os autores o breguedé é o caso de uma coxinha que não deu certo, mas acabou caindo no gosto popular. As

primeiras manifestações da festa são datadas entre as décadas de 1970 e 1980, em que a comunidade local (grupos rurais e urbanos) ligados à Igreja Católica se uniram para arrecadar fundos para manutenção da igreja. O breguedé tornou-se um elemento constitutivo de Rinópolis, tendo em vista que muitas pessoas da região vão a festa para provar o famoso bolinho de mandioca.

Em campo, pudemos perceber que com a realização da quermesse há um fortalecimento das relações sociais dentro do assentamento, pois é um momento de confraternização entre as famílias assentadas, gerando um sentimento de pertencimento à comunidade, assim como de reconhecimento do assentamento por parte da cidade, já que as autoridades compareceram à festa.

Autoridades locais (como vereadores, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Presidente Venceslau e um secretário municipal) estiveram na quermesse, que é o momento também de algum nível de conversa mais política. Por outro lado, o Sr. Nego nos informou que a presença do padre é muito escassa, pois o mesmo é responsável por toda zona rural do município (ele não estava na quermesse).

Pires e Calciolari Júnior (2006) acreditam que a quermesse é

o lugar socialmente produzido onde ocorre a manifestação lúdica da fé, o que torna o momento singular e efêmero, visto ser nele que se estabelecem as relações entre os mundos do sagrado e do profano, tornando o lugar da festa mágico, pois é nele que emerge o princípio de (re)significação da vida (PIRES; CALCIOLARI JÚNIOR, 2006, p.79).

Sendo assim, para os autores, a quermesse é o canal em que há a manifestação cultural do campo do sagrado, na vida das comunidades.

De modo geral, no assentamento Tupanciretã, a quermesse ocorre como uma forma de sociabilidade e encontro entre as famílias assentadas. É caracterizada como uma manifestação cultural do universo rural tradicional, em que o assentado resguarda e valoriza essa cultura.

Verificamos que a quermesse foi ressignificada no contexto do assentamento, na medida em que aspectos tradicionais misturaram-se com práticas ligadas à cultura contemporânea (alimentos industrializados). Apesar desse cenário, Neto et.al (2012) mostram que áreas rurais - como os assentamentos - são um dos lugares que mantêm vivos em seu cotidiano, as manifestações, práticas, conhecimentos e saberes tradicionais ligados à cultura rural tradicional.

**Foto 1:** Barracão de eventos em que ocorre a quermesse.



**Fonte:** Trabalho de campo realizado pelo autor em outubro de 2014.

**Foto 2:** Capela Católica do Assentamento Tupanciretã – localizada em lote de assentado (construção recente).



**Fonte:** Trabalho de campo realizado pelo autor em outubro de 2014.



**Foto 3:** Área interna da Capela do Assentamento Tupanciretã - Presidente Venceslau, SP.



**Fonte:** Trabalho de campo realizado pelo autorem outubro de 2014.

**Foto 4:** Preparo de comidas pelas assentadas.



**Fonte:** Trabalho de campo realizado pelo autor em outubro de 2014.

**Foto 5:** Locutor ditando os números sorteados no bingo.



**Fonte:** Trabalho de campo realizado pelo autor em outubro de 2014.

**Foto 6:** Palco em que ocorre a apresentação das duplas e grupos.



**Fonte:** Trabalho de campo realizado pelo autor em outubro de 2014.

Foto 7: Visão geral da Quermesse.



Fonte: Trabalho de campo realizado pelo autor em outubro de 2014.

Foto 8: Visão do barracão da quermesse, com cobertura parcial em lona.



Fonte: Trabalho de campo realizado pelo autor em outubro de 2014.

## Resultados e discussões

Existe uma variedade de festas desde festas gastronômicas, festas turísticas, festas cívicas, festas ligadas às tradições e as festas religiosas que são o eixo analítico desse artigo. A geografia entende as festas como um processo socioespacial dimensionado como um momento em que as relações sociais incidem sobre um determinado arranjo social (OLIVEIRA, CALVENTE, 2012), ou seja, o lugar é o local responsável pelas manifestações presentes nos eventos.

As festas possuem múltiplas funções e estão relacionadas às dimensões do lazer, as manifestações culturais, aos momentos de socialização, ao sentimento do lugar e como atrativo turístico (OLIVEIRA, CALVENTE, 2012). Para compreensão da totalidade desse fenômeno é necessário relacioná-lo ao conceito de lugar, definido com um espaço carregado de sentimentos, de identidade e de memória.

Conforme comentam Oliveira e Calvente (2012) as festas desempenham um importante papel na relação entre as pessoas e os lugares em que vivem, por isso surge a necessidade de contextualizar as festas no âmbito do espaço geográfico e do lugar onde elas ocorrem.

Nesse sentido acreditamos que o conceito de lugar possibilita a compreensão da festa como um fenômeno de materialização das relações sociais. Suertegaray (2001) entende o lugar como o espaço base da reprodução da vida (vivência afetiva) e pode ser analisado pela tríade: habitante, identidade e lugar. Portanto, o lugar é uma dimensão ligada à relação homem/ambiente, sendo a base fundamental para a existência humana, na medida em que os indivíduos se relacionam com outros de uma mesma cultura criando experiências de significados a partir dos laços afetivos. Sendo assim, o lugar é o centro onde são experimentados os eventos mais significativos de nossa existência: o viver e o habitar, o uso e o consumo, o trabalho e o lazer (TUAN, 1991).

O trabalho em tela buscou estudar os assentamentos rurais por meio de uma abordagem interdisciplinar e plural, visando compreender suas dimensões, a partir da cultura popular, dos saberes tradicionais e do patrimônio cultural. Nesse sentido, vimos que os assentamentos rurais detêm sujeitos que produzem e reproduzem no seu cotidiano práticas e saberes tradicionais, transformando o espaço geográfico em “lugares” carregado de memória, identidade e cultura.

As famílias assentadas transmitem esses saberes por meio de suas tradições,



dos gestos e da oralidade. Nesse sentido, acreditamos que o lugar se singulariza a partir de visões subjetivas vinculadas a percepções emotivas, a exemplo do sentimento topofílico (experiências felizes) aos quais se refere Tuan (1983).

Ao diferenciar as categorias analíticas da geografia Santos (1997) entende que o lugar constitui a dimensão da existência que se manifesta através “de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições em que a cooperação e o conflito são a base da vida em comum.

A partir da pesquisa bibliográfica e do universo empírico, verificamos que esses aspectos ligados à cultura rural tradicional se mantêm resistentes nos assentamentos de reforma agrária. No entanto, a transmissão desse patrimônio está em parte ameaçada, pois, os mais antigos (guardiões dos saberes) estão morrendo. As festas, momento de sociabilidade, representam a memória, a identidade e os gestos tradicionais desse universo.

## Considerações Finais

O espaço rural brasileiro se materializa a partir de dinâmicas familiar, econômica, produtiva e cultural. Abriga sujeitos de múltiplas origens e trajetórias que buscam no meio rural uma estratégia para sua reprodução social. Esse espaço é compreendido por diversas maneiras dentro da ciência, desde abordagens que priorizem o rural como espaço tradicional, o rural como moderno e o rural como socioambiental (BRAUDEMBURG, 2010).

Partimos da hipótese de que mesmo não sendo um espaço de origem tradicional, com famílias de múltiplas origens e trajetórias, os assentamentos rurais são espaços de produção, reprodução e manutenção da cultura rural tradicional. Entendemos o meio rural brasileiro como um mosaico cultural de saberes e práticas que revelam aspectos de um modo de vida tradicional.

O assentamento de reforma agrária foi objeto de nossa pesquisa, nele percebemos que ainda existem elementos que caracterizam um modo de ser – viver – estar tradicional que se reproduzem no cotidiano das famílias assentadas. Por meio da realização da quermesse - uma festa religiosa tradicional dentro das comunidades rurais no Brasil - vimos que apesar da presença de elementos modernos, ainda existem espaços de sociabilidade ligados ao rural tradicional entre as famílias assentadas, a partir do mutirão (na construção da festa) e das relações de vizinhança entre as famílias, além da presença da Igreja.

Em suma, analisamos uma quermesse realizada no assentamento Tupanciretã, onde as famílias assentadas se inserem nesse cenário como guardiões de um patrimônio cultural precioso, pois reproduzem em seu cotidiano, os conhecimentos e as técnicas ligados ao universo rural tradicional, ressignificando seus espaços e tornando o território em “lugares” de transmissão de cultura popular.

Nesse sentido, acredita-se que o rural pode ser lido a partir de uma dimensão cultural que englobe as festividades e manifestações culturais como formas de expressão dos grupos camponeses, agricultores familiares, sítiantes e assentados, sujeitos que vivenciam e protagonizam o meio rural brasileiro.

## Referências Bibliográficas

ARAÚJO, A. M. **Cultura Popular Brasileira**. Companhia Melhoramentos. 3ª edição. São Paulo, 1977.

BRAUDEMBURG, A. Do rural tradicional ao rural socioambiental. **Ambiente e Sociedade**. Campinas, v. XII, n. 2, p. 417-428, jul.-dez., 2010.  
MELLO E SOUZA, A. C. **Os Parceiros do Rio Bonito**. Ouro Sobre Azul. Rio de Janeiro, 1987.

CASCUDO, L. C. **Dicionário Do Folclore Brasileiro**. Global Editora. 10ª edição, São Paulo, 2000.

CAVALCANTE, M. B. **O conceito de pós-modernidade na sociedade atual**. Brasil Escola, 2016. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/geografia/o-conceito-posmodernidade-na-sociedade-atual.htm>>.

CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 2ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 15-48

D'ABADIA, M. I. V; ALMEIDA, M. G. Festas religiosas e pós-modernidade. **Geonordeste**, Ano XX, n.2. 2009.

FACCIO, N.B. **Arqueologia Guarani na Área do Projeto Paranapanema: estudo dos sítios de Iepê, SP.** (Tese de livre docência em Arqueologia Brasileira). Museu de Arqueologia e Etnologia. USP. São Paulo, 2011.

FERNANDES, B. M. **MST: Formação e Territorialização.** São Paulo, Hucitec, 1996.

FERRANTE, V. L. S. B.; BARONE, L. A.; DUVAL, H. C.; GOMES, T. P. S.; AMARAL, D. T.; GÊMERO, C. G.; FLORES, A. F.; SILVA, S.; ALY JÚNIOR, O. Um retrato das regiões da pesquisa. **Retratos de Assentamentos.** Araraquara/SP: UNIARA, Nupedor (Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural), v. 16, n.1, 2012.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

JURCEVITZ, V. I. Festas religiosas: a materialidade da fé. **História: Questões & Debate.** Curitiba, n. 43, p. 73-86, 2005. Editora UFPR.

LEITE, José Ferrari. **A ocupação do Pontal do Paranapanema.** São Paulo, Hucitec/Fundação Unesp, 1998.

MACIEL, M. C. **Tupanciretã: Deus passou por aqui – um estudo sobre as relações entre movimentos sociais nos assentamentos rurais Primavera e Tupanciretã no Pontal do Paranapanema/SP.** Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

MOMBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo.** Hucitec: São Paulo, 1984.

PERINELLI NETO, H.; LASTÓRIA, A. C.; MELLO, R. C. Um olhar perspectivo sobre a(s) cultura(s) caipira(s) brasileira(s): reflexões a propósito da experiência de uma cidade do interior paulista. **Le Brésil caipira. Une culture, sés representations.** 2012. p.35-55.

OLIVEIRA, A. N.; CALVENTE, M. D. C. M. H. As múltiplas funções das

festas no espaço geográfico. **INTERAÇÕES,** Campo Grande, v. 13, n. 1, p. 81-92, jan./jun. 2012.

OLIVEIRA, F. H. F. **Cultura no espaço rural: estudo do patrimônio cultural e dos saberes tradicionais nos assentamentos do Pontal do Paranapanema.** Relatório Final Pibic/CNPq. Presidente Prudente, SP, 2014.

\_\_\_\_\_. **Aspectos da cultura rural tradicional na Reforma Agrária: estudo nos assentamentos de Presidente Venceslau, SP.** 2015. 1 CD-ROM. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/124191>>.

PIRES, A. G. M. G.; JÚNIOR CALCIOLARI, A. **As Doutoradas da Quermesse.** Lazer & Sport, Londrina, 2006.

QUEIROZ, M. I. P. **O Campesinato Brasileiro.** Vozes. Petrópolis, RJ, 1973.

RANGEL, L. M. V. **Festas juninas, festas de São João, tradições e história.** São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, C. N. **O Patrimônio cultural e as identidades territoriais como possibilidades de desenvolvimento da atividade turística no município de Rosana/SP.** Dissertação (Mestrado em Geografia). FCT/UNESP. Presidente Prudente, SP, 2013.

SOUZA, M., ORTEGA, G. A troca na sociedade rural: reflexões sobre catolicismo popular. **Extraprensa,** América do Norte, 1, nov. 2010. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/77179>>. (Acesso em: 28. Maio de 2014).

THOMAZ JÚNIOR, A. Por uma geografia do trabalho. **Pegada** (UNESP. Impresso), Presidente Prudente, v. esp, n.Especial, p. 4-26, 2002.

## DO VENENO ÀS BORBOLETAS DO CAMPO: ESTUDO DE SABERES AGROECOLÓGICOS EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA

*Thaiana Paiva de Souza Gomes<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este trabalho decorre do curso de Especialização Lato Sensu “Educação do Campo e Agroecologia na Agricultura Familiar e Camponesa” da Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp. O trabalho foi desenvolvido em dois assentamentos da região de Araraquara, Estado de São Paulo, Monte Alegre e Bela Vista do Chibarro. O escopo do trabalho foi estudar o resgate de práticas e saberes patrimoniais tradicionais considerados sustentáveis/agroecológicos, bem como acompanhar o desenvolvimento de práticas agroecológicas pós-processo de capacitação e re-educação de grupos de assentados em Agroecologia, para analisar a importância de processos formativos nas mudanças de hábitos na agricultura. Como metodologia, utilizaram-se entrevistas, questionários e diários de campo. Nos resultados, buscou-se apresentar como as atividades coletivas de educação e reeducação/reavivamento dos saberes tradicionais são elementos importantes no processo de resgate do conhecimento acumulado historicamente pelas populações agrícolas sobre o meio ambiente. Além de representarem um patrimônio imaterial, auxiliam na valorização e resgate dos saberes tradicionais ligados à agroecologia.

**Palavras-chave:** Saberes; Práticas Sustentáveis; Patrimônio Imaterial; Agroecologia

<sup>1</sup> Cientista Social, Pedagoga, Especialista em Educação do Campo e Agroecologia, Mestre em Educação Escolar, Doutoranda em Educação Escolar, professora da UNISEB/Estacio e Pesquisadora NUPEDOR.